

## O espólio literário de Afonso Lopes Vieira na Biblioteca Municipal de Leiria [BML]

**Cristina Nobre**

Nem todos os papéis se rasgam ou se deitam fora. [...] Mais tarde, ao fim de uma carreira ou ao fim de uma vida, além da obra objectivamente produzida, há na oficina de um escritor uma quantidade de aparas das obras dadas a público, ou daquelas que se acumulavam à espera de serem organizadas para produção, ou mesmo daqueles testemunhos humanos que se foram urdindo na relação com os outros, sejam eles também escritores ou não, — e é a tudo isso que resta numa oficina, quando a produção acaba, que se chama espólio: são os despojos da guerra de uma vida, fazem parte dos bens que um escritor deixa à sua morte. (Victor de Sá, 1992: 533-4).

Refiro-me nesta comunicação a uma parte do espólio do escritor Afonso Lopes Vieira de que a BML é fiel depositária, em particular aos manuscritos que se encontravam dentro da singular (e misteriosa...) *caixa de charão vermelha*<sup>1</sup> – oferecida pela sobrinha do poeta, Maria da Luz de Aboim Wasa de Andrade –, juntamente com os cerca de 8000 volumes que faziam parte da (já herdada) biblioteca pessoal do poeta. Além destes manuscritos – a que os

<sup>1</sup> Almuth Grésillon, num importante e marcante ensaio de 1994, *Éléments de critique génétique*. [...], refere-se à necessidade de se recensarem os lugares comuns sobre esses misteriosos locais em que os manuscritos nos vêm sendo legados. Leia-se o seguinte excerto, exemplificativo: “[...] Celle-ci peut prendre corps dans les mystérieuses ‘malles aux manuscrits’ dont il faudra un jour écrire l’épopée. Si sans attendre nous évoquons ici quelques-unes de ces histoires bizarres, c’est pour une raison heuristique. Elles peuvent introduire le lecteur à une singularité spécifique de l’objet manuscrit. Son existence est due à la fois à un désir contradictoire de l’auteur et au jeu du hasard de l’histoire. Ces caisses, coffres-forts, valises ou cartons sont remplis de trésors étrangers, proprement ‘inaliénables’: mélange de papiers personnels, d’inédits, de brouillons d’oeuvres publiées, le tout comme une série d’arrêts sur image dans une vie d’écriture, où se succèdent réussites et échecs, étincelles et désespoirs, triomphes et errances d’un sujet face à l’aventure de l’invention. Nombre d’auteurs se sont attachés avec un soin méticuleux à les sauver des aléas de la vie (déménagements, voyages, exils, guerres). [...]” (Grésillon, 1994: 4).

1 registos da catalogação mantêm apenas a designação topográfica (e de res-  
2 sonância pessoana...) *arca redonda* –, outros se encontram arquivados den-  
3 tro de envelopes, em dois compridos gavetões de madeira, classificados pe-  
4 las siglas gerais A, B e C, em função das dimensões dos documentos  
5 (respetivamente, tamanhos aproximados ao A5, A4 e A3). Dentro dos envel-  
6 Lopes, sem qualquer critério temático ou de género seguido, podem encon-  
7 trar-se os materiais mais diversos, desde os autógrafos que o escritor dirigiu  
8 a terceiros (sobretudo correspondência), os autógrafos de poesia ou prosa,  
9 os apontamentos e outros documentos diversos (fotografias, partituras de  
10 música, folhetos de serões culturais ou programas-reclame de conferências,  
11 correspondência dirigida ao escritor e não integrada nos XIV vols. da corres-  
12 pondência, rascunhos de difícil classificação, traduções, exemplares de emen-  
13 das, etc.). Todos os documentos possuem um número de registo, mas o tra-  
14 tamento de catalogação está ainda em fase de elaboração.

15 Muitos dados estão por esclarecer relativamente a esta parte do legado,  
16 os manuscritos, de que me ocuparei. Não há documentos oficiais que permi-  
17 tam comprovar se, na data da inauguração da BML, em 1955, pelo menos  
18 alguns dos manuscritos já fariam parte do legado, uma vez que não há registos  
19 documentais a certificá-lo. No entanto, a imprensa local, quando se referia à  
20 “Exposição Biobibliográfica”, realizada nessa mesma altura, menciona sem-  
21 pre, ao lado das fotografias e objetos de uso pessoal, vários manuscritos, o  
22 que nos permite deduzir que pelo menos alguns fizessem já parte do legado  
23 original. Também não se pode determinar com objetividade quem os terá  
24 embrulhado em papel pardo (na sua maioria, embora um ou outro esteja pro-  
25 tectado por papel de fantasia) e atado com guita de algodão, sendo provável  
26 que a caligrafia que os identifica em pequenos retângulos de papel pautado  
27 (preso na guita do embrulho) seja de mulher — oscilando as hipóteses entre  
28 a sobrinha do escritor, Maria da Luz de Aboim Wasa de Andrade<sup>2</sup>, e a funcio-  
29 nária zeladora da biblioteca ao tempo da inauguração, Maria Adelaide Reis

---

31 <sup>2</sup> Sabemos que M.<sup>a</sup> da Luz Wasa de Andrade foi depositária, até bastante tarde, pelo menos de  
32 alguns dos manuscritos com as conferências inéditas de ALV, pois é a ela que Vitorino Nemésio  
33 dirige o seu agradecimento pessoal quando publica, em 1974, a antologia de inéditos *Camões na*  
34 *obra de Afonso Lopes Vieira*, e as doações mais significativas para o espólio da BML são feitas por  
35 ela. Até à sua morte, em Maio de 1992, foi ela a depositária dos direitos de autor de ALV. Depois da  
36 sua morte, esses direitos transitaram para o escultor Joaquim Correia, sendo os seus herdeiros  
37 quem os detêm. Uma vez chegados aos 70 anos sobre a morte do Poeta, a obra entra em hasta pública.

Pinto. Esta mesma funcionária deixou nove listas manuscritas e três dactilografadas<sup>3</sup> com um inventário não datado (só uma das listas tem data) localizador de uma avultada parte do espólio, sobretudo a que resulta de doações.

Efetivamente, além do legado original, algumas ofertas de particulares à BML acabaram por enriquecer o património da cidade de Leiria e ajudar a preservar uma fatia da nossa memória cultural. Assim aconteceu com a doação da cunhada do escritor, Maria Genoveva de Aboim Veiga Rebelo de Andrade, em 1966, de vários objetos pessoais pertencentes ao poeta<sup>4</sup>; com as diversas doações da sobrinha do poeta, Maria da Luz de Aboim Wasa de Andrade, das quais se encontram registadas a de 1969 (provavelmente a primeira), composta por diversos livros e objetos de uso pessoal de Afonso Lopes Vieira<sup>5</sup>, a de 1979, importantíssima, constituída por vários objetos pes-

---

<sup>3</sup> Estas listas apresentam uma classificação muito genérica em: A. — “Documentos de ALV (oferecidos pela Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Maria da Luz Aboim)”]; B — “83 folhas de papel com recortes de jornais relacionados com o poeta ALV (oferta da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Luz Wasa de Andrade, sobrinha do poeta)”]; C — “Diversos”; D — “Relação de livros, documentos e outras recordações que pertenceram ao poeta ALV e que foram oferecidos a esta Biblioteca M. ALV por sua sobrinha Senhora D. Maria da Luz Wasa de Andrade”; E — “Fotografias”; F — “Postais”; G — “Correspondência dirigida ao poeta ALV”; H — “Relação de Manuscritos, fotografias e outros documentos de ALV, que a Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Maria da Luz Aboim Wasa de Andrade (sobrinha do poeta) ofereceu para esta Biblioteca (1980)”]; “O que contém o Pacote. Oferta da exm.<sup>a</sup> Senhora D. Maria da Luz Wasa de Andrade (sobrinha do poeta)”]; “O que está dentro da pasta castanha. O que está dentro da pasta de seda amarela pintada à mão. O que está dentro do envelope branco.” (dact.); “O que está na pasta de pele que tem na capa escrito — Varia—” (dact.); “Na Vitrine encontram-se os seguintes documentos e objectos” (dact.). Como se pode ver por esta descrição, as listagens efetuadas têm, sobretudo, uma preocupação de inventário localizado, e só uma tem datação, pelo que a sua utilidade é relativa. São, no entanto, os únicos documentos em que alguns — e só alguns — dos manuscritos se encontram registados com indicação de proveniência, o que faz aumentar a nossa suspeita de que alguns manuscritos fizessem já parte do legado original.

<sup>4</sup> No vol. II dos *Anais do Município de Leiria*, regista-se o seguinte sobre esta doação: “— D. Maria Genoveva de Aboim Veiga Rebelo de Andrade enviou à Câmara, em 25.3.1966, ‘um volume contendo as seguintes relíquias do Dr. Afonso Lopes Vieira: § 1 caixa contendo o diploma da sua formatura pela Universidade de Coimbra; § a pasta que tinha sobre a secretária; § 1 livro intitulado *S. Francisco de Assis* da autoria de Júlio Eduardo dos Santos; § 1 canudo contendo pergaminhos de homenagem, ao mesmo poeta, por várias entidades; § 2 molduras contendo retratos de Camões; § 1 moldura com versos do Poeta, dirigidos a D. Leonor que foi esposa do actor Augusto Rosa; destinados a Biblioteca Afonso Lopes Vieira.” (Cabral, 1993, II: 191-2).

<sup>5</sup> No vol. II dos *Anais do Município de Leiria*, regista-se o seguinte sobre esta doação: “— Uma sobrinha do poeta Afonso Lopes Vieira, D. Maria da Luz Aboim Wasa de Andrade, ofereceu, em

1 soais do escritor e pela *caixa de charão vermelha* com alguns dos manuscri-  
2 tos autógrafos<sup>6</sup>, a de 1985, composta de um anel e de um exemplar das CVS<sup>7</sup>,  
3 e a de 1986, de outros treze manuscritos de palestras e conferências proferi-  
4 das pelo escritor<sup>8</sup>; com a doação de Maria Helena Barradas (afilhada do es-  
5 critor, que viveu entre as casas de S. Pedro, das Cortes e do Largo da Rosa  
6 até cerca dos anos 40), feita nos finais de 1987, onde se incluíam outros  
7 manuscritos do poeta<sup>9</sup>; com a doação das filhas de Raul Lino, Maria Cristina  
8 Lino Pimentel e Isolda Lino Norton, em 1990, de alguns livros do escritor com

9  
10 5.9.1969, à Biblioteca, 'vários livros, fotografias, um quadro da autoria do Arquitecto Raul Lino, e,  
11 ainda, uma camisa da Nazaré, muito usada pelo mesmo poeta e com a qual figura no conhecido  
12 retrato pintado por Eduardo Malta.' (Cabral, 1993, II: 192).

13 <sup>6</sup> Na Ata da Reunião n.º 5, da Câmara Municipal de Leiria, de 2 de Fevereiro de 1979, p. 2, pode ler-se o  
14 seguinte: "OFERTAS PARA A BIBLIOTECA AFONSO LOPES VIEIRA § Presente uma carta datada de  
15 30 de Janeiro findo da Sr.ª D. Maria da Luz de Aboim Wasa de Andrade, sobrinha do Poeta Afonso  
16 Lopes Vieira, ofertando para a Biblioteca em epígrafe, candeeiro com abat-jour, tábua em que escrevia,  
17 uma pasta bordada e uma grande caixa de charão vermelha com vários manuscritos, livros de emen-  
18 das, gravuras, fotografias, versos, etc. § A Câmara, por unanimidade, deliberou aceitar a oferta feita e  
19 testemunhar à Sr.ª D. Maria da Luz de Aboim Wasa de Andrade, todo o seu reconhecimento por tão  
20 importante oferta, que muito vem enriquecer o património da Biblioteca Afonso Lopes Vieira."

21 <sup>7</sup> Na Ata da Reunião n.º 31, da Câmara Municipal de Leiria, de 9 de Agosto de 1985, p. 38 (p. 1005 do  
22 ano civil de 1985), pode ler-se o seguinte: "BIBLIOTECA AFONSO LOPES VIEIRA – (1.ª) § A Câmara  
23 tomou conhecimento da oferta feita pela senhora Dona Maria da Luz Wasa de Andrade, sobrinha  
24 do poeta Afonso Lopes Vieira, de um valioso anel que foi pertença do poeta e, bem assim, de um  
25 exemplar do livro *Canções do Vento e do Sol*, numa nova edição. § A Câmara deliberou, por unani-  
26 midade, registar e agradecer a dádiva que está na linha de outras já feitas e sempre graciosamente  
27 o que torna, portanto, a Dona Maria da Luz Wasa credora dos agradecimentos da Câmara e do  
28 concelho, o que muito tem enriquecido o pecúlio cultural de Afonso Lopes Vieira".

29 <sup>8</sup> Em excerto da Ata n.º 34, da Câmara Municipal de Leiria, de 19 de Outubro de 1986, p. 35 (p. 1375  
30 do ano civil de 1986), pode ler-se o seguinte: "DOAÇÃO À BIBLIOTECA AFONSO LOPES VIEIRA §  
31 A Câmara tomou conhecimento e deliberou, por unanimidade, expressar o seu agradecimento à  
32 senhora Dona Maria da Luz Alvim [sic] Wasa de Andrade pela preciosa oferta de treze manuscritos  
33 de palestras e conferências proferidas por Afonso Lopes Vieira, património este que virá enriquecer  
34 grandemente o património da biblioteca A. L. V."

35 <sup>9</sup> Em excerto da Ata n.º 3, da Câmara Municipal de Leiria, de 15 de Janeiro de 1988, p. 37 (p. 114 do  
36 ano civil de 1988), pode ler-se o seguinte: "BIBLIOTECA AFONSO LOPES VIEIRA – (1) 33/1 § A  
37 Câmara tomou conhecimento da oferta feita pela Senhora D. Maria Helena Barradas à Câmara, com  
destino à biblioteca, de uma fotografia da mãe do poeta Afonso Lopes Vieira, D. Mariana Azevedo  
Lopes Vieira e de um conjunto de manuscritos do mesmo poeta. § Mais deliberou agradecer à Sen-  
hora D. Maria Helena Barradas, a oferta que vem grandemente enriquecer o património da bibliote-  
ca." No processo 33/1, referente ao ano de 1988, "Ofertas e pedidos de publicações", encontra-se  
arquivada uma carta, datada de Leiria, de 10 de Fevereiro de 1988, assinada pelo Presidente da

dedicatória do autor<sup>10</sup>; com a doação de uma série de livros, pertença de Maria da Luz Wasa de Andrade, concretizada em 1992, após a morte desta por uma das sobrinhas, Maria Isabel Leal da Costa<sup>11</sup>.

Uma parte substancial dos autógrafos da correspondência, de que destacamos, pela sua importância documental, a correspondência de Afonso Lopes Vieira para o casal Leonor e Augusto de Castro Guedes Rosa parece ter sido legada à BML por Maria da Luz Wasa de Andrade, assim como vários exemplares de livros do escritor com dedicatória do próprio a este casal, informações importantes e conclusivas só possíveis de encontrar nos registos manuscritos de Adelaide Reis Pinto. A leitura desses registos permite-nos concluir que o escritor depositou na sobrinha não apenas a guarda dos seus direitos autorais, mas também a vontade de preservar grande parte dos seus *papéis* pessoais.

Todos estes documentos se encontram na sala de reservados da BML, ou na sala Afonso Lopes Vieira (que conserva e reproduz a disposição do mobiliário da *livraria*, tal como o escritor a habitou na sua casa do Largo da Rosa, em Lisboa), ou arquivados em condições que acautelam uma eventual

---

Câmara de Leiria, em que se agradece a D. Maria Helena Barradas a oferta, sem que se faça nunca uma enumeração dos manuscritos oferecidos.

<sup>10</sup> Em excerto da Ata n.º 35, da Câmara Municipal de Leiria, de 14 de Setembro de 1990, pode ler-se o seguinte: "OFERTA DE LIVROS — (1) 33/1 § Pela responsável da Biblioteca Municipal, foi dado conhecimento que as Senhoras D. Maria Cristina Lino Pimentel e D. Isolda Lino Norton ofereceram à Câmara, com destino à Biblioteca Municipal, as seguintes obras do Poeta Afonso Lopes Vieira: § — Ilhas de Bruma; § — Romance de Amadis; § — Diana; § — Romance de Amadis (nova edição); § — Versos de Afonso Lopes Vieira; § — Onde a terra se acaba e o mar começa. § A Câmara tomou conhecimento e deliberou, por unanimidade, agradecer àquelas senhoras a valiosa oferta, que muito vem enriquecer a Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira."

<sup>11</sup> Em excerto da Ata n.º 25, da Câmara Municipal de Leiria, de 17 de Julho de 1992, p. 45 (p. 14445 do ano civil de 1992), pode ler-se o seguinte: "AGRADECIMENTO (1) 27/18 § Presente uma carta da Senhora D. Maria Isabel Leal da Costa, datada de 3 do corrente mês, agradecendo em seu nome e no dos seus sobrinhos o ofício desta Câmara Municipal transmitindo o voto de pesar pelo falecimento da sua tia Senhora D. Maria da Luz Wasa de Andrade. § Ao mesmo tempo informa que a sua tia lhe pediu para entregar uma porção de livros, do poeta Afonso Lopes Vieira, que estão encaixotados e guardados na sua casa onde podem ser levantados. § A Câmara tomou conhecimento e deliberou agradecer." No processo 27/18, do ano de 1992, "Votos de pesar", encontra-se arquivada uma carta, datada de 17 de Junho de 1992 (011269) e assinada pelo Presidente da Câmara, em que se enviam condolências à família de Maria da Luz Wasa de Andrade. A carta em questão termina com o seguinte parágrafo: "[...] Mais informo de que esta Câmara Municipal continuará a dignificar o nome do poeta Afonso Lopes Vieira, cuja memória Leiria perpetuará, valorizando o seu património legado."

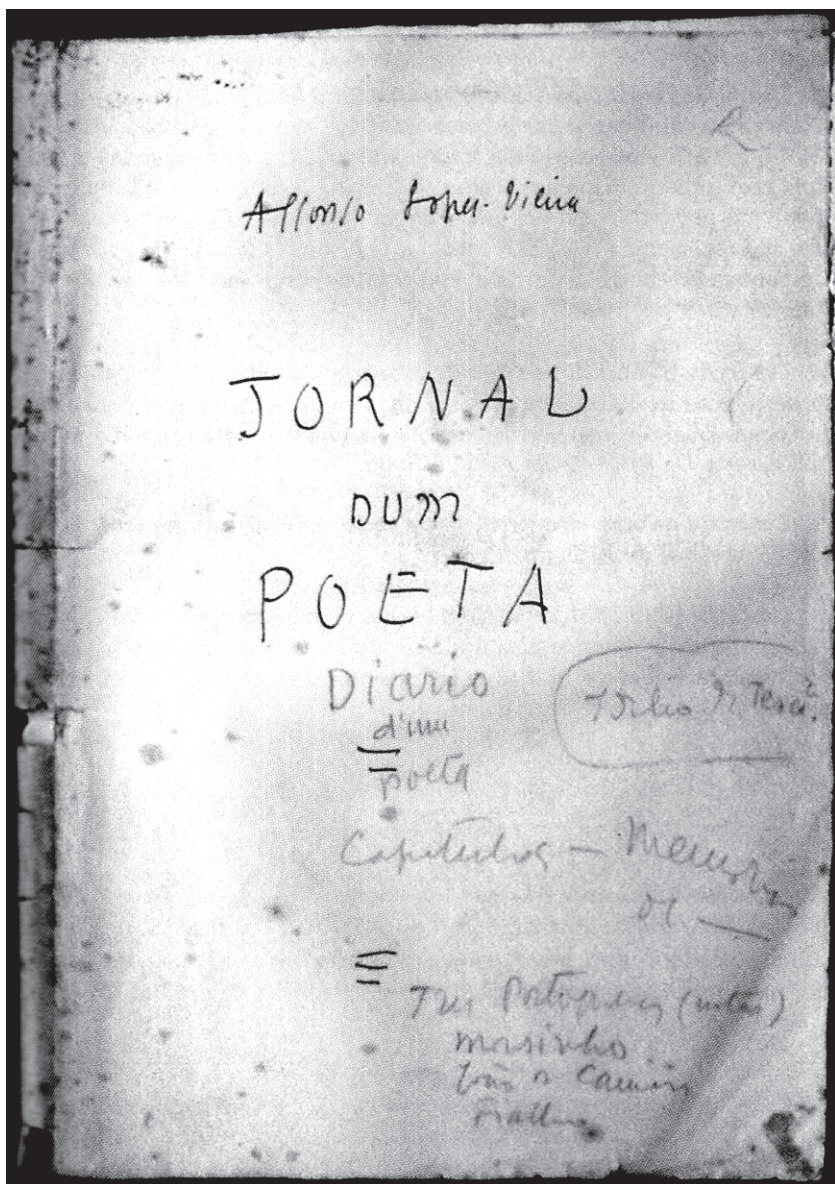
1 deterioração. Mas o vasto espólio está, no essencial, por trabalhar, e aqui  
2 mais não faço do que mostrar a quantidade de pontos obscuros por elucidar  
3 na sua história, assim como chamar a atenção para a urgência de um trata-  
4 mento e de uma investigação que permitam considerar, plenamente, este  
5 espólio como uma parte da obra de Afonso Lopes Vieira, isto é, integrá-lo na  
6 bibliografia ativa.

### 9 **Fragmentos da vida na literatura**

10  
11 O fim do *Jornal dum poeta* [JP], que pouco mais foi do que um projeto,  
12 preconizava a necessidade de fazer vida-arte, como única possibilidade de  
13 enfrentar a terrível desarmonia entre a vida e o sonho: “Fim do *Jornal* – im-  
14 possibilidade de harmonizar a nossa vida e o nosso sonho. Tristeza infinita  
15 desta desarmonia. – Necessidade de fazer vida-arte.” [ND, V: fr. 225 / II vol.:  
16 131]. Pode isto querer significar que mesmo os projetos por cumprir do escri-  
17 tor – e foram bastantes – estão penetrados de uma preocupação estética  
18 profunda, o que os torna, numa visão da literatura em interação com o(s)  
19 real(is) circundante(s) e com o seu próprio corpo textual ou intertextual já  
20 constituído, merecedores de uma leitura e de uma receção, ainda enquanto  
21 projetos (ou seja, mesmo que a possibilidade de leitura não tenha sido inscri-  
22 ta no seu processo de criação): a ténue linha de ligação na complexa rede em  
23 que a vida e o sonho se entrecruzam constantemente.

24 Referido já em 1908, aquando da publicação de *O Pão e as Rosas*, como  
25 um livro a publicar em breve<sup>12</sup>, e de novo em 1910, na publicação da confe-  
26 rência lida pelo autor no teatro D. Maria II, *O Povo e os Poetas Portugueses*  
27 (juntamente com outros dois projetos, *Sóror Mariana (poêma)*, e *Poesia da*  
28 *Casa (ensaio de uma estética do lar)*), do *Jornal dum poeta* só se publicou,  
29 tanto quanto pudemos apurar, um excerto na revista *A Farça*, n.º 6, de 27 de  
30 Abril de 1910, nas páginas 86 e 87, datado de “S. Pedro de Muel, Julho,

31  
32  
33 <sup>12</sup> Em carta datada de 25 de Dezembro de 1908, o crítico Veiga Simões, já por essa altura a recolher  
34 elementos para o seu livro, *A Nova Geração*, que sairia em 1911, questionava ALV sobre o anda-  
35 mento de JP, pois o considerava como subsídio a ter em conta no seu estudo: “[...] E perdõe-me  
36 perguntar-lhe se o anunciado *Jornal dum Poeta* ainda terá grande demora, porque, no caso contrá-  
37 rio, esperaria por elle e pelos novos subsídios que elle dará ao meu estudo. [...]” [BML, *Cartas [...]*,  
vol. IV].



Capa do ms. *Jornal dum Poeta* [BML, n.º 6807]

1905", e outro na revista *Figueira*, série 3.ª, n.ºs 1 e 2, de Jan.-Fev. de 1912, nas páginas 3 e 4, datado de "S. Pedro de Moel, Agosto, 1906" <sup>13</sup>.

<sup>13</sup> De ambos os excertos se encontram os respetivos dactiloscritos no espólio da BML. Deve ainda

1 Estaríamos, assim, perante um jornal íntimo de tipo aberto, concebido  
2 para ser divulgado, isto é, requisitando uma figura de leitor, numa atitude de  
3 modernidade que a publicação póstuma do *Journal Intime* de Amiel (Amiel,  
4 1905), e o convívio de leitura aturado que o escritor com ele manteve, podiam  
5 ter incentivado, mas que estava ainda nas primícias de se tornar uma moda  
6 literária na Europa do início do séc. XX. Esta atitude, raríssima no panorama  
7 das letras portuguesas do início do século, transforma o JP numa novidade  
8 singular, sem o afastar, no entanto, da linha de esteticismo finissecular  
9 rastreada na obra publicada no mesmo período. Daí o interesse acrescido da  
10 divulgação póstuma dos manuscritos pertencentes ao espólio do escritor, e  
11 direta ou indiretamente relacionados com o JP.

12 Por isso os pedaços do JP nos parecem tão mais admiráveis quanto dão  
13 expressão a uma faceta pouco revelada e desconhecida, quase sou tentada  
14 a dizer, relegada para um plano secundário no conjunto da obra publicada de  
15 Afonso Lopes Vieira. Este projeto por cumprir revelaria um *eu* na sua particu-  
16 laridade, na especificidade do seu olhar subjetivo sobre o mundo, quando o  
17 maior desejo do escritor (ou um desejo-adulto, o desejo-impresso, mas não o  
18 manuscrito; a diferença entre o que se julgou digno de ser glorificado em letra  
19 de imprensa, e o resto, o *outro*, na obscuridade das gavetas da escrivaninha  
20 ou no legado testamentário à BML...) parece ter sido a diluição numa obra  
21 coletiva, onde a voz do *eu* se confundisse – idealmente apagasse – num *nós*,  
22 resultado duma comunhão nacional e mítica.

## 23 24 **Notas diversas**

25  
26 A verdade é que, ao lado deste projeto por cumprir, muitos outros se  
27 vêm perfilar, sentinelas orgulhosas de uma capacidade criativa, individual e

---

29 referir-se uma alusão a JP num postal endereçado a Antero de Figueiredo, não datado: "[...] Junto  
30 envio tambem um artigozinho do meu *Jornal*, q. estimo pelo q. me evoca. É uma amostra das minhas  
31 *recordações e viagens*. § Q. nostalgia esta luz me começa a fazer do Pinhal e do Mar! [...]" [BMP, M-  
32 AF-2 (2)]. E em 7 de Setembro de 1909, José de Figueiredo escrevia a ALV, referindo-se, provavel-  
33 mente, ao mesmo texto: "[...] Li, com grande interesse, na 'Lucta' o seu excerto do 'Jornal de um  
34 Poeta'. Quando publica esse livro? [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. VI]. É possível que o texto referido  
35 nestas duas cartas coincida com o 3º. excerto de JP encontrado entre o espólio da BML [C17, n.º  
36 33816] e que se transcreve, juntamente com os outros dois referidos, no II vol. de *Afonso Lopes*  
37 *Vieira. A Reescrita de Portugal*, 2005, pp. 379-394. Foi de todo impossível consultar o n.º referido do  
jornal *A Lucta*, inacessível durante largos meses na BNLx. por motivo de microfilmagem.



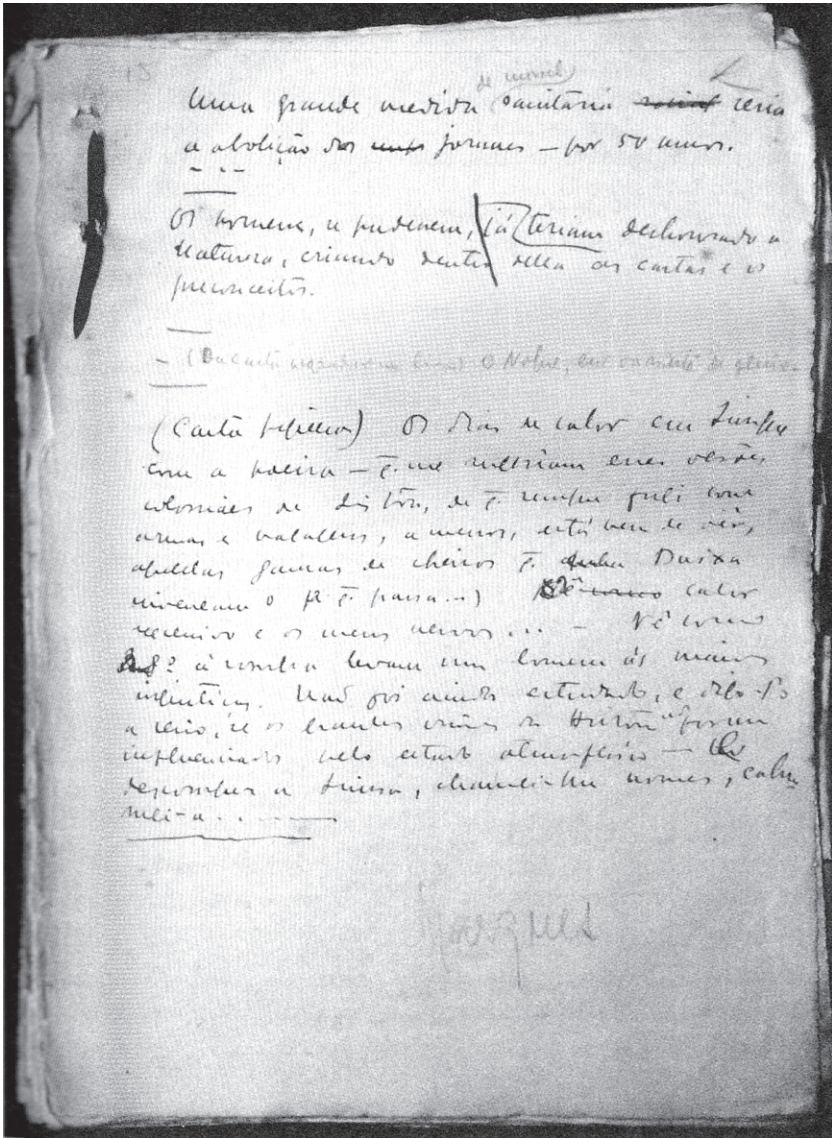
1 Nenhum escritor, q. eu saiba, enumerou ainda as obras q., no seu espirito entrevistas, vividas,  
2 acabadas, – apenas contudo por escrever, – lhe morreram assim como vivêram, sem lograrem  
3 interiorização – ser factos. Seria curioso, para a historia intima dos espiritos, conhecer essas  
4 listas de mortes interiores, vagos sonhos planejados, esvaidos pela evolução do ser q. as  
5 gestou, ou varridas por um vento novo, ou esquecidas em pregas obscuras da alma para  
6 tomarem a tomar corpo, mais tarde, ou simplesmente evoluçionando numa lenta e caminhante  
7 evolução até dispararem, um dia, numa obra já realizada, mas diversa da *outra*, sua fonte  
8 primeira e obscura... Todo aquelle, o mais modesto, q. manuseia ideias, q. as traz ao peito e as  
9 emancipar, uma vez, no livro, no quadro, na nota, haverá de recordar como a sua obra, –  
10 palavras, côr, musica, – é realmente a variante mais estavel duma outra obra q. produziu vida  
11 à custa de inumeras vidas parciaes de ideias, que, como mulheres mortas de parto, morreram  
12 dando vida à luz. Por cada ideia q. logrou fixar-se, um rosario de ideias, – criadoras desta, – foi  
13 sacrificado, no trabalho mental, profundo, do inconsciente. [ND, I: fr. 210 / Nobre, 2005, II vol.:  
63].

14 Esta longa citação é retirada de outro manuscrito do espólio legado à  
15 BML<sup>14</sup>. Fala-nos desse mundo esquecido, palavras que ficaram na sombra e  
16 que ajudaram a engendrar o que veio até nós em letra de imprensa. Afonso  
17 Lopes Vieira diz que essas obras espiritualmente *entrevistas, vividas, acaba-*  
18 *das*, não chegaram a *ser factos*, embora reconheça a importância “para a  
19 história íntima dos espiritos” de “conhecer essas listas de mortes interiores,  
20 vagos sonhos planejados [...]” [*id., ibidem*].

21 Na realidade, mais do que uma *lista de mortes interiores*, esse grande  
22 manuscrito, constituído por seis maços (cadernos?) de folhas desiguais, num  
23 total de mais de duzentas folhas manuscritas (muitas vezes frente e verso),  
24 sem título nem datação explícita, com fragmentos diversos dispostos numa  
25 hipotética sequência cronológica, nos quais se podem ler os mais variados  
26 temas e percursos de reflexão, onde uma pretensa unidade de sujeito  
27 enunciativo é a nota mais estável do conjunto – agrupado sob a denominação  
28 *Notas Diversas* [ND] para que a classificação genérica de *diário* não viesse  
29 interferir, marcando excessivamente as nossas tentativas de leitura – entra  
30 em ligação direta com o ms. do JP, com muitas anotações embrionárias a ele  
31 destinadas<sup>15</sup>. Revela-nos o esqueleto de algumas obras que nunca chega-

32  
33  
34 <sup>14</sup> Trata-se de [BML, B39, n.º 6811]. Vd. II vol. de Nobre 2005, pp. 213-375, com transcrição dos  
autógrafos e descrição pormenorizada.

35 <sup>15</sup> Vejam-se, a título exemplificativo, os frs. 40 e 42, do maço IV das ND / II vol.: 95, diretamente  
36 relacionados com o JP, como duas versões de um mesmo acontecimento: a morte da cadela Elsa,  
37 em Outubro de 1906, em dois momentos diversos da sua redação, que passa do registo reflexivo à



1.º fol. do ms. [Notas Diversas] – Maço II [BML, n.º 6811]

síntese filosófica. Assim também o excerto de jornal não identificado apresenta uma relação evidente com o maço I das ND, datável à volta de 1904. O fragmento 2 de JP pode relacionar-se com o fr. 64 do maço I de ND / II vol.: 222, no que diz respeito às considerações sobre a 'Garatuja' e às 'criaturas que fazem sempre sorrir'; o fragmento 4 relaciona-se diretamente com as reflexões sobre a pedagogia feitas no fr. 126 de ND, I / II vol.: 229; e a referência a Dostoiévski encontra-se espalhada nos frs.

1 ram a nascer; o título, o tema, a génese de algumas composições poéticas  
2 que viram posteriormente a luz do dia; o esboço de uma estética individual; o  
3 campo fecundo das leituras e influências de autores estudados e relidos com  
4 penetração; alguma coisa das suas preocupações pedagógicas; e inscrições  
5 significativas na ideologia de fim-de-século.

6 Tal como os rapazes da sua geração, Lopes Vieira oscilava entre a  
7 combatividade pura e a necessidade de edificar. Assim, algumas das consi-  
8 derações feitas nas ND poderiam ser aduzidas para documentar e ajudar a  
9 esclarecer a tese (um pouco obscura) de João Medina, na qual põe em des-  
10 taque uma obra de Lopes Vieira esquecida: “[...] a especial atmosfera um  
11 tanto nihilista, para não dizer libertária, que rodeia as suas [de ALV] primeiras  
12 produções literárias, nomeadamente um estranho livro invulgar que publicou  
13 em 1904, a novela *Marques*.” (Medina, 1980: 18).

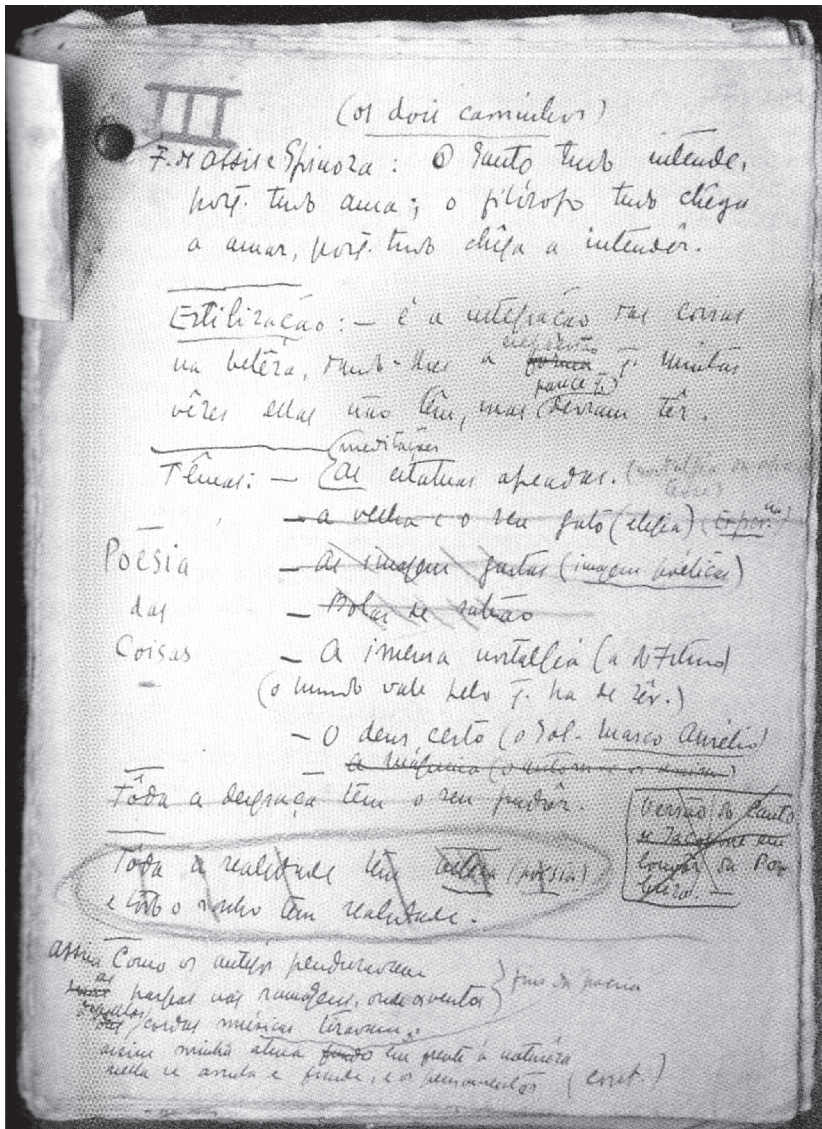
14 Com efeito, várias são as referências feitas ao livro *Marques (História*  
15 *dum Perseguido)* (1903)<sup>16</sup>, a tal ponto que julgamos se destinariam a uma  
16 reformulação da obra que chegou a estar anunciada para 1904, aquando da  
17 publicação das *Poesias Escolhidas (1898-1902)*, com o nome de *Humilha-*  
18 *dos*, livro dito em preparação, ou a publicação para breve de *Marques (novo*  
19 *ensaio)*. Ou seja, em 1904, o escritor mostrava-se interessado no projeto re-  
20 presentado por M (HP) a ponto de o querer reformular, ou de fazer uma nova  
21 tentativa na mesma área. Nas ND fica clara, mas incompletamente expressa,  
22 a intenção de redigir um prefácio para esse segundo ensaio, onde ressaltaria  
23 a oposição entre a pouca compreensão do público pela 1.ª ed. e o interesse  
24 do protagonista, num antagonismo declarado entre a qualidade da produção  
25 literária e o fraco gosto do público: “[...] Prefacio da 2.ª edição do M. – Este  
26 livro quando aparecido numa edição de poucas paginas, ha anos, teve a  
27 honra de não ser compreendido...” [ND, I: fr. 68 / Nobre, 2005, II vol.: 52].

28 Na intimidade das anotações das ND, o escritor encontrava o espaço de  
29 escrita ideal para poder refletir sobre a receção feita à sua obra, mesmo que,  
30 publicamente, gostasse de se mostrar desinteressado do destino dos seus  
31 livros, ou minimizasse o valor das apreciações feitas.

---

32  
33 146 e 156 de ND, I / II vol.: 231-2. Serão isto indícios suficientes para nos fazerem suspeitar de uma  
34 relação de simbiose entre as ND e o JP, isto é, serão os fragmentos de ND os borrões que ALV  
35 destinava ao JP? A confirmar-se esta hipótese, justificar-se-ia a publicidade feita a JP por volta de  
36 1910, ano durante o qual uma parte do maço VI, e último, de ND deve ter sido escrito.

37 <sup>16</sup> Ver ND, em especial, I: frs. 68, 69, 72, 76, 77, 100 e II: frs. 17, 24, 26, 27, 28, 35, 58, 60, 96 / Nobre, 2005, II vol.: 222, 223, 226, 247, 248, 249, 251 e 254.



1.º fol. do ms. [Notas Diversas] – Maço III [BML, n.º 6811]

A ligação entre o Marques personagem e o autor, a literatura e a vida, faz-se em ND, onde a timidez imposta pelo Estado, tão marcante na vida da personagem, marca também outros solitários e o próprio criador da ficção que, numa das metamorfoses mais características da poética de Lopes Vieira, encontra a sua própria timidez na timidez de Marques, transformando a vida

1 num projeto de arte, ou, dito doutro modo, encontrando nas suas (auto-)ob-  
2 servações da vida motivo de embrião literário. Um embrião que pode ganhar  
3 vida própria e independente: “– hino à timidez. Só nós, tímidos, somos honra-  
4 dos. A timidez é a fôrma mais delicada de honra [...]” [ND, II: fr. 24 / *idem*, II  
5 vol.: 248]; “Conto – Quando as personagens saem de dentro das novelas.  
6 Simão do Amor de Perdição, Hamlet..... (sonho á noite)” [ND, II: fr. 22 / *idem*, II  
7 vol.: 247].

8 Esses projetos de arte acabam por ser, ao mesmo tempo, uma in-  
9 trospeção na poética individual de Lopes Vieira. Fazer arte e refletir sobre ela  
10 é o registo dominante, e um dos mais ricos, para orientar a nossa leitura das  
11 ND:

12  
13 – O q. eu penso então é q. todos os homens são, como eu mesmo gósto de me chamar,  
14 quando estou bem sózinho comigo, – Marques. Todos! Todos sofrem a mesma doença da sua  
15 relatividade; todos têm a sua dignidade dependente do seu intestino. Sómente, – eu sou e sei  
16 q. sou. Eis a diferença. Por q. destino singular me foi concedido este sentido critico, este poder  
17 de avaliar as coisas mínimas – enormes – da vida – p.<sup>a</sup> q. pela minha consciencia sofrassem e  
18 se vêxassem todos os homens meus iguaes? [ND, II: fr. 28 / *idem*, II vol.: 248].

19 A solução poderia, talvez, ser alcançada através dessa projetada 2.<sup>a</sup>  
20 edição, numa versão – *ampliação* [ND, II: fr. 26] que a obra publicada de  
21 Lopes Vieira nos habituou a considerar como uma das técnicas de reescrita  
22 do autor – em que a noção de *ridículo* desapareceria como motor de ação e  
23 faria de *Marques* não o humilhado entre a sociedade, mas o individuo recon-  
24 ciliado consigo próprio, sem precisar de se suicidar, uma versão pacífica de  
25 um queirosiano Jacinto apaziguado na calma do novo espaço da vila por  
26 oposição à cidade:

27  
28 *Marques* – O ridículo não existe: é o prejuizo subjectivo do nosso tempo. E apenas no dia em  
29 q. desaparecer do nosso cerebro a artificial circumvalação q. nos permite a visão desnatural  
30 do ridiculo, a vida será satisfeita, – Marques não se suicida, regressando à provincia, numa  
31 aldeia, apasigua-se e reconhece – entre as arvores e os humildes – q. a sua dor era falsa e  
32 criada pela refracção do seu ser no torcido ser da multidão... [ND, I: fr. 143 / *idem*, II vol.: 231];

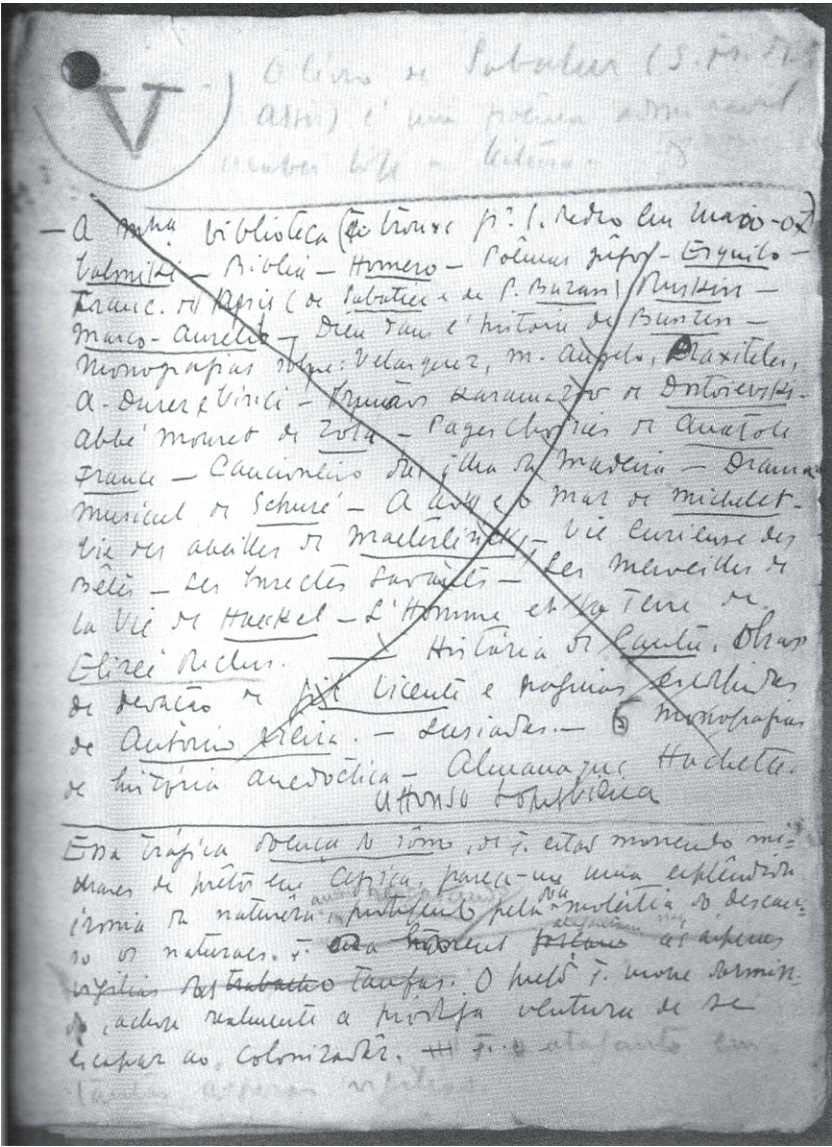
33 Fim – Capitulo da vila p.<sup>a</sup> onde o nomeiam.

34 Reconciliação com a vida! Reconhecer q. o *Ridículo não existe*, – q. elle é o preconceito... (v.  
35 notas) A Cidade – a Natureza. [ND, II: fr. 26 / *idem*, II vol.: 248].

36  
37 Seja qual for o caminho percorrido por Lopes Vieira, o trilho parece qua-

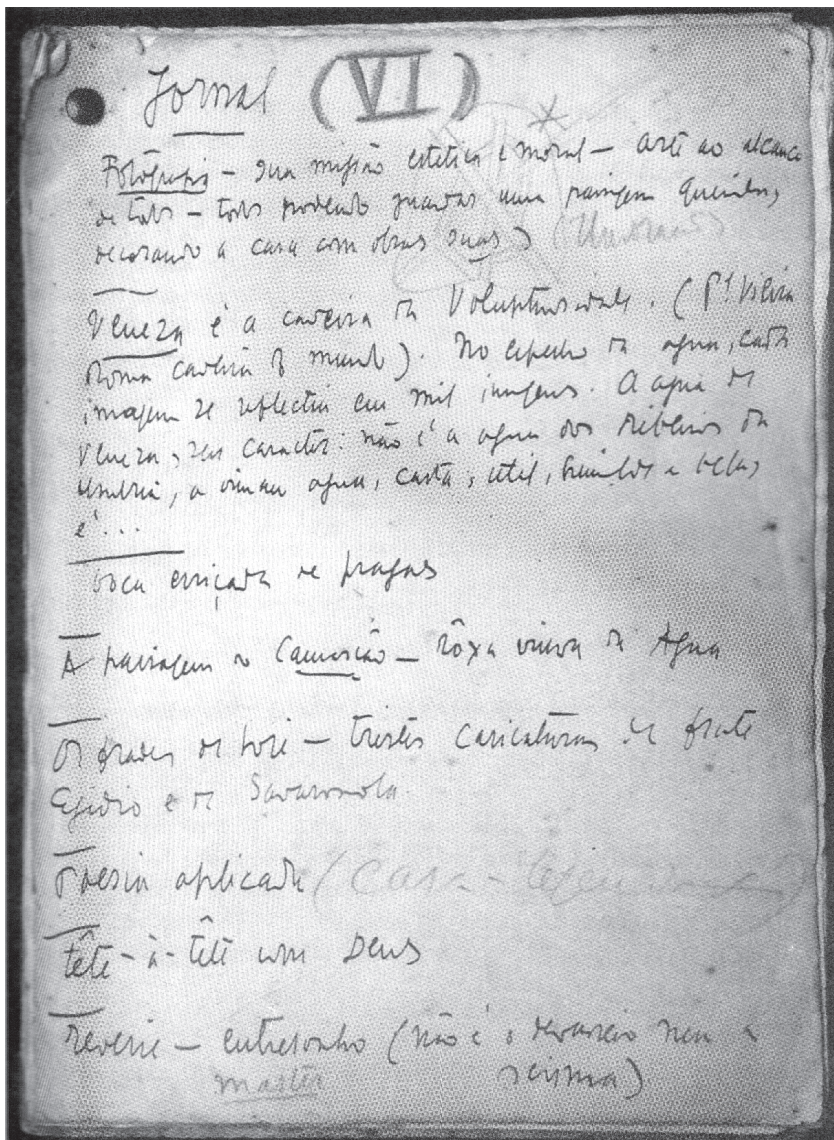


1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37



1.º fol. do ms. [Notas Diversas] – Maço V [BML, n.º 6811]

Il vol.: 330]. Na verdade, as considerações estéticas e literárias que encontramos abundantemente nas ND apontam numa direção já conhecida, através das suas obras publicadas em vida, em que a preocupação estética predominante é a da Beleza. A beleza, que é útil [ND, IV: fr. 136 e V: fr. 250 / *idem*, II



1.º fol. do ms. [Notas Diversas] – Maço VI [BML, n.º 6811]

vol.: 295 e 337], mescla-se com tudo – “Tôda a Belêza é uma afirmação” [ND, III: fr. 116 / *idem*, II vol.: 269] e “Tudo q. sofre é bello” [ND, I: fr. 103 / *idem*, II vol.: 227] – em primeiro lugar na ortografia [ND, III: fr. 137 / *idem*, II vol.: 270]; mas também numa arte, para os pobres, constituída por casas belas [ND, V: 37

1 fr. 186 / *idem*, II vol.: 330]; numa ideia de pátria mais consentânea com o belo  
2 do que com a “linha geometrica da fronteira” [ND, I: fr. 55 / *idem*, II vol.: 221];  
3 na estilização considerada “integração das coisas na belêza” [ND, III: fr. 2 /  
4 *idem*, II vol.: 259]; na Estética como procura da “Beleza na vida” [ND, III: fr. 14  
5 / *idem*, II vol.: 260]; no esteta ou artista como aquele que domina as taras  
6 originais e caminha para o bem através da beleza [ND, III: fr. 33 / *idem*, II vol.:  
7 262] não se conformando com “a fealdade do meio em q. vive” [ND, VI: fr. 177  
8 / *idem*, II vol.: 358]; na antinomia de uma certa conceção de ciência,  
9 consubstanciada em construções modernas como a Torre Eiffel [ND, III: fr.  
10 149 e V: fr. 158 / *idem*, II vol.: 272 e 327-8]. Uma ciência orgulhosa, mas  
11 incapaz de abarcar todo o conhecimento: “A mais pura glória da sciência  
12 contemporânea consiste em ella confessar q. ha o Desconhecido e em  
13 considerá-lo com simpatia.” [ND, V: 152 / *idem*, II vol.: 327].

14 Define-se como o cantor das coisas pequenas e efémeras, instantes  
15 que só ganham vida através do seu verbo: “Sou o: poeta épico das borbolêtas.”  
16 [ND, IV: fr. 242 / *idem*, II vol.: 304], um intérprete, como Byron, d’ “A consciên-  
17 cia dum mundo passado e dum mundo q. ha de vir.” [ND, V: fr. 49 / *idem*, II  
18 vol.: 317]. Por isso “Cada instante da vida é um êro e uma aprendizagem”  
19 [ND, VI: fr. 66 / *idem*, II vol.: 348], mas também uma repetição – “viver é  
20 repetir” [ND, II: fr. 112 / *idem*, II vol.: 255] – o que faz com que o perigo da  
21 erudição seja tão temido [ND, VI: fr. 105 / *idem*, II vol.: 351].  
22  
23

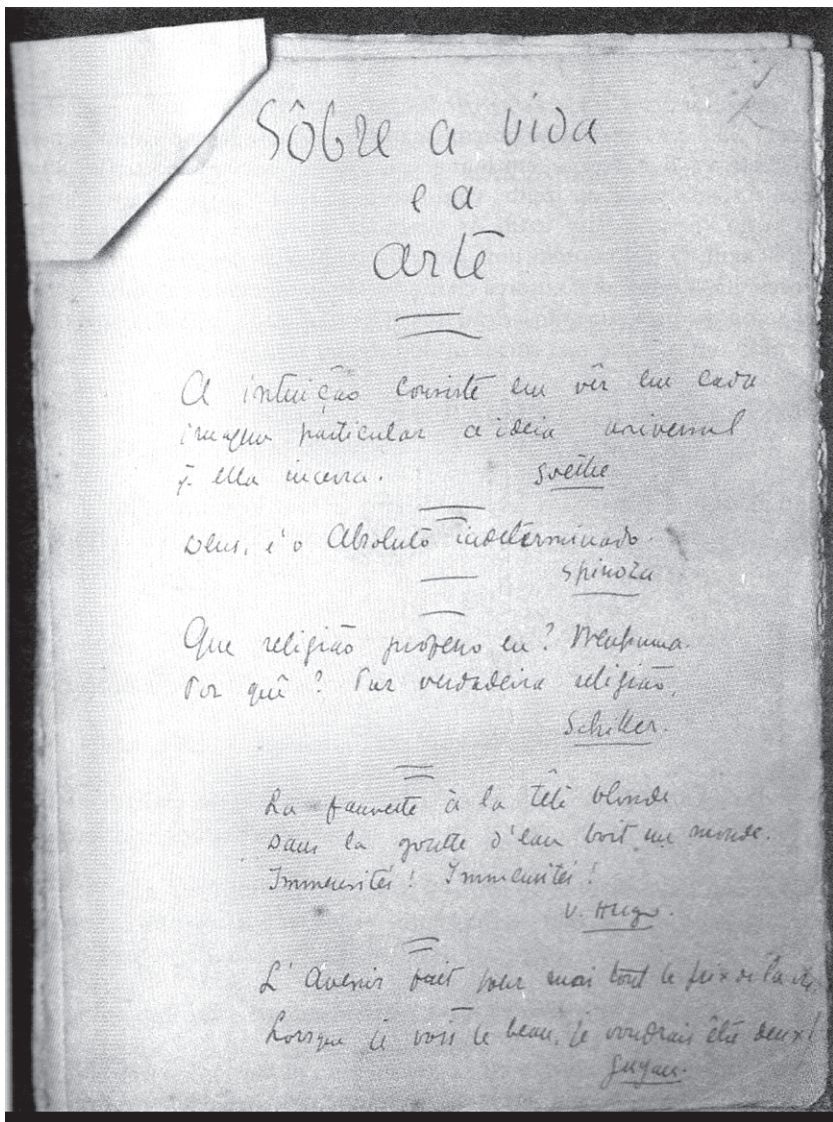
## 24 **Sobre a vida e a arte**

25  
26 No entanto, também de erudição se compõem as ND, com uma quanti-  
27 dade apreciável de citações selecionadas de autores célebres e menos céle-  
28 bres, que demonstra com segurança algumas das preferências do emara-  
29 nhado intertextual de Lopes Vieira, num fundo de areias movediças e perigo-  
30 sas onde o seu próprio pensamento evoluía.

31 Por aqui se estabelece uma ligação, provavelmente na mesma linha cro-  
32 nológica, com um outro manuscrito do imenso espólio<sup>18</sup> intitulado *Sôbre a*  
33 *Vida e a Arte* [SVA] e contendo 54 citações selecionadas e compiladas pelo  
34

---

35 <sup>18</sup> Trata-se dum autógrafo constituído por 10 fs. ms. soltas, escritas apenas dum lado e numeradas só  
36 até à f. 5, não datado [BML, B26, n.º 6809]. Vd. II vol. de Nobre 2005, pp. 395-401, com transcrição de  
37 SVA.



1.º fol. do ms. *Sôbre a Vida e a Arte* [BML, n.º 6809]

escritor dos mais diversos autores (39, no total), que entroncam em diversas áreas, desde a filosofia, com Rousseau, Pascal, Spinoza, Leibniz, Schiller, Schopenhauer ou Nietzsche; à literatura, com Vergílio, Jacopone da Todi, Diderot, Baudelaire, Renan, Hugo, Balzac, Byron, Zola ou Verlaine; à arte em

1 geral, com Miguel Ângelo, Da Vinci, Tintoretto, Wagner, Ruskin, Keats, Goethe,  
2 Watts, Durer ou Schumann; passando pelo domínio científico e histórico da  
3 época, com Elisée Reclus, Gustave le Bon, E. Girardin, D. Arago, Michelet.

4 Estoicismo, franciscanismo, idealismo, e outros *-ismos*, uma série de  
5 palavras-rótulos cujo conteúdo, nem sempre bem explicitado, se pode ir co-  
6 lando à própria obra publicada de Lopes Vieira e que nos mostra como ele  
7 próprio via o meio literário em que tinha crescido e evoluía: “Os poetas portu-  
8 gueses são os maiores idealistas do mundo. Ninguém os acusará de buscar  
9 glória ou dinheiro. Haverá nos outros idiomas esta singular palavra –  
10 *versalhada?*” [ND, V: fr. 15 / *idem*, II vol.: 314]. Nesse mesmo sentido, con-  
11 cluirá: “Em Portugal não são precisos homens de génio, tanto como são pre-  
12 cisos homens de gosto.” [ND, VI: fr. 168 / *idem*, II vol.: 357].

13 Sem nunca definir claramente o que entendia por *homens de gosto* (a  
14 não ser que a metáfora dos *rinocerontes num jardim* nos explicita alguma  
15 coisa, numa leitura retórica que trabalhe por oposições...), Lopes Vieira apre-  
16 senta-se nas ND como um desses homens, até mesmo pelo conhecimento  
17 demonstrado nas abundantes citações de outros homens do seu tempo. Neste  
18 círculo viciado e vicioso, em que todas as vozes da cultura se transformam  
19 numa mesma amálgama propensa à criatividade, começa a parecer mais  
20 aceitável que a Arte e a reflexão sobre a vida-arte seja a tarefa por excelência  
21 dos homens de gosto.

22 Quando a reflexão se torna narcísica, podemos então penetrar no mundo  
23 interior da criação literária de Lopes Vieira, nos seus múltiplos projetos, esboços  
24 ou ideias vagas, pequenos nadas que nas ND foram ficando registados, e dos  
25 quais nasceram umas quantas conclusas obras, publicadas em vida do autor.  
26 Não há, portanto, sinais de que tenha havido incompatibilidade entre as refle-  
27 xões empreendidas pelo homem sobre a sua obra futura e o seu trabalho de  
28 escritor e a escrita destas ND; pelo contrário, tudo indicia que as ND serviriam  
29 como propedêutica a, e etapa fundamental de, uma arquitetura pensada e  
30 conducente à obra conclusa. Penetrar nas ND torna-se, assim, a imersão num  
31 mundo de múltiplas sombras, entre as quais se encontram algumas figuras aca-  
32 badas da obra de Lopes Vieira misturadas com algumas obsessões e rituais de  
33 trabalho: “Os objectos do nosso uso, ganham uma personalidade e a gente  
34 ama-os. Eu não escrevo bem senão na minha mesa, e rodeado dos meus ami-  
35 gos nadas q. a povôam.” [ND, II: fr. 41 / *idem*, II vol.: 250].

36 Uma grande dificuldade de leitura decorre do facto de ser difícil identifi-  
37 car alguns projetos literários, facilmente evocados por uma simples palavra

ou uma remissão, cujo referente hoje se perdeu. Por último, a falta de precisão cronológica de grande parte dos apontamentos que, a existir, facilitaria esta tarefa de Penélope. Mesmo assim é possível encontrar, neste “rosario de ideias”, algumas “listas de mortes interiores, vagos sonhos planejados” [ND, I: fr. 210 / *idem*, II vol.: 239]. Tudo isto porque também Lopes Vieira só fez aquilo que considerou tão importante para a “historia intima dos espiritos” – a enumeração das obras em génese – de um modo parcial e, provavelmente, inconsciente, sobretudo se acreditarmos que as ND se destinavam a uma reformulação para o JP, não se perspetivando de modo algum a sua leitura por um público, pelo menos no estado embrionário em que as encontrei e as procurei ler.

Uma vez que a irreversibilidade do tempo (e a própria vontade testamentária do autor, alargada nas doações dos familiares e amigos) nos deixa hoje penetrar nesse *reservatório de literatura*, ler o esboço à procura de indícios das obras feitas, podemos concluir que a maior parte dos apontamentos se destinavam ao JP, sobretudo aqueles que se relacionam com viagens efetuadas pelo escritor, justificando assim o subtítulo já mencionado – “(memórias, estudos, viagens)”. A jornada de reflexão interior apareceria, então, mesclada com a viagem no exterior, espaços diferentes e estranhos ao sujeito, capazes de lhe provocarem novas sensações e novas reflexões, e de fazerem evoluir um processo próprio de autoconhecimento.

No entanto, esta nova orientação para um outro tipo discursivo específico – o jornal de viagem – vai marcar substancialmente o registo de escrita. A viagem aproxima-se mais da forma fechada da narrativa ficcional, uma vez que há um princípio e um fim determinados pelo itinerário construído, um trajeto com partida e ponto de chegada com ancoragem nos registos biográficos do autor. No tempo do JP vem, assim, imiscuir-se o tempo da viagem, numa espécie de crónica da jornada, que aparece com um carácter de exceção e que, por isso mesmo, permite reflexões menos habituais.

Os locais considerados são a Suíça, que Lopes Vieira visitou em Junho de 1906; a Itália, por onde viajou demoradamente em 1908; a Espanha, a França, parte da Inglaterra, e grande parte de Portugal, que gostava de percorrer sempre que podia. Metódico, planeia escrever uma série de prosas curtas, ao género impressionista, sobre várias cidades europeias, suas conhecidas das peregrinações constantes: Lisboa, Coimbra, Paris, Lucerna, Londres, Veneza [ND, I: fr. 219 / *idem*, II vol.: 240]. No entanto, alguns desses planos são por vezes já episódios, concebidos como cenas possíveis dessas

1 narrativas de viagem apenas entrevistas. Por isso, o efeito de leitura imediato  
2 é estranhamente completo e acabado no meio da fragmentação geral<sup>19</sup> – o de  
3 ficarmos na posse de algumas sequências (quase) terminadas, muito mais do  
4 que do conhecimento de um projeto clara e sistematicamente delineado. A es-  
5 crita da viagem, ao dar a ler o rosto do outro, aproximava-se do acabamento.

6 Se as preocupações com o JP<sup>20</sup> são evidentes, pois era a sua redação  
7 que mais imediatamente devia preocupar Lopes Vieira, também sobre outras  
8 obras na forja da sua oficina de escritor se podem ler fragmentos embrionári-  
9 os nas ND. Estes esboços fazem-se, assim, de reflexões sobre os próprios  
10 mecanismos da escrita, colocando a obra que está a ser criada no centro das  
11 preocupações estéticas do autor.

12 É o caso do planeado e concretizado *Ar Livre* (1906). Sobre este há  
13 muitos apontamentos nas ND e quase somos capazes de ver o amadurecimen-  
14 to progressivo, desde os primeiríssimos planos [ND, I: fr. 134 / *idem*, II  
15 vol.: 230], onde aparecem já os títulos que serão depois desenvolvidos poe-  
16 ticamente – “A casa – a fonte § a janela § a lareira” [*id.*, *ibidem*], até à suges-  
17 tão de um subtítulo que nunca chega a utilizar: “Ar Livre (diário dum  
18 misantropo)” [ND, I: fr. 215 / *idem*, II vol.: 240], ou à preocupação com o papel  
19 e a folha de rosto do volume [ND, III: fr. 100 / *idem*, II vol.: 268]. Partes do livro  
20 aparecem aqui em génese, desde a sugestão do título – “*Poesia das Coisas*”  
21 [ND, II: fr. 83 / *idem*, II vol.: 253] – à noção de que lhe corresponderão “poesi-  
22 as numeradas” [ND, II: fr. 104 / *idem*, II vol.: 255] (como acaba por aconte-  
23 cer<sup>21</sup>), até à experiência de certas sonoridades – “Invocação ao gesto e à  
24 música” [ND, III: fr. 164 / *idem*, II vol.: 273] – que encaixarão na “*Poesia das*  
25 *Coisas*”: “Quisera não pensar, sentir, nem vêr, § mas afundar-me tôdo para o  
26 espaço, § enalecêr-me pelo infinito.....” [ND, III: fr. 9 / *idem*, II vol.: 260].

---

29 <sup>19</sup> Seabra Pereira, em texto de “Introdução” ao II vol. das *Memórias* de Raul Brandão, dá-se conta de  
30 um semelhante movimento de autonomização na escrita fragmentária e descontínua das memórias  
31 brandonianas: “[...] Mas alguns daqueles segmentos também poderiam autonomizar-se  
32 recepcionalmente como poemas em prosa, enquanto outros se distendem na senda da prosa rítmica  
33 própria da ‘literatura emocional’ pós-simbolista e enquanto, ao invés, alguns dos segmentos aludidos  
34 se configuram como sínteses versiculares. [...]” (Pereira, 1999: 16).

35 <sup>20</sup> Ver ND, sobretudo IV: frs. 39, 40, 42, 51, 53, 62, 83, 130, 138, 149, 157, 171, 230, 235, 238, 259,  
36 270, 279, 290, 298, 304, 307; V: frs. 10, 12, 20, 24, 27, 31, 63, 111, 118, 144, 150, 221, 225, 251, 253;  
37 e VI: fr. 258].

<sup>21</sup> Ver *Ar Livre* (1906), “*Poesia das Coisas* (I-VIII)” [AL: 125-148].

Também a obra seguinte, em termos cronológicos, *O Pão e as Rosas* (1908), encontra aqui largas referências que permitem conhecer um pouco da história da sua gestação. A ideia da capa, por exemplo, encontra-se nas ND, V: fr. 274 / *idem*, II vol.: 339. Na base do livro esteve “A glória de admirar (O P. e as R.)” [ND, IV: fr. 121 / *idem*, II vol.: 293] e no fim devia aparecer “O efêmero dos *nostros* (meus) versos” [ND, IV: fr. 140 / *idem*, II vol.: 295] o que, se não acontece em poesia, é transferido para a “Nota” final do volume [PR: 155-9], onde Lopes Vieira explana, numa prosa poética cuidada, a modéstia de toda a criação humana face à obra da Natureza, para concluir: “Mas se nenhum artista (nem dos maiores) tem o direito de dizêr: Eu inventei, – tôdo o trabalhadôr (por humilde que sêja) tem o devêr de confessar, se fôr sincero: Dou-vos o melhor que posso porque fiz o melhor que sei.” [PR: 158]. Transposto para verso, somos levados a concluir que teríamos algo semelhante ao planeado nas ND para o fim do PR: “Sorria ao mundo a justiça sorridente! § Encha a nossa alma a glória de admirar!” [ND, IV: fr. 155 / *idem*, II vol.: 296].

*Pinhal do Rei*<sup>22</sup> parece ter sido um projeto de novela que se ficou por isso mesmo, mas para o qual foi inclusivamente pensado um fim de capítulo: “— o homem do saquinho e uma desordem e aflição irremediáveis” [ND, V: fr. 26 / *idem*, II vol.: 315], e que incluiria uma referência à véspera de S. João, quando se tomava no mar o “*banho santo*” [ND, V: fr. 38 / *idem*, II vol.: 316], o mesmo a que se faz referência no excerto citado de JP. Lopes Vieira poderia mais tarde ter pensado em aproveitar para a arte cinematográfica esta novela, embora também aqui se lhe tenha perdido o rasto.

Do mesmo modo a errata que utiliza no final dos seus livros, a partir de *Rosas Bravas* (1911) e em todas obras de poesia ou de prosa daí para a frente – reprodução das palavras de Francisco Manuel de Melo, nas *Cartas Familiares* – já se encontrava como ideia pronta a ser utilizada no fragmento 153 do maço III das ND / *idem*, II vol.: 272. Encontram-se ainda reflexões ocasionais sobre a ortografia, numa tentativa de encontrar uma simbologia que explique a tendência para a utilização de maiúsculas em certas palavras: “As maiúsculas têm sido p.<sup>a</sup> os homens uma amavel fonte de ilusão. Quando escrevêmos Amor, Belêza, Verdade, este A, este B, este V, acalmam um momento a nossa sêde de Ideal.” [ND, V: fr. 16 / *idem*, II vol.: 315]. Na verdade, a *sede de Ideal* de Lopes Vieira não parou nunca, e estas fragmentadas e diversas notas são uma imprescindível prova documental da grande varieda-

<sup>22</sup> Ver ND, sobretudo I: frs. 55 e 215; V: frs. 26 e 38.

1 de das atividades intelectuais e das situações de escrita que pertencem aos  
2 bastidores do processo de criação literária do escritor.

### 3 4 5 **Estética da vida**

6  
7 A *Estética da Casa*, anunciada em 1910<sup>23</sup>, com o título de *Poesia da*  
8 *casa (ensaio de uma estética do lar)*, mas nunca dada à estampa, embora já  
9 com a brochura escolhida para a capa e preocupação com orçamentos [ND,  
10 VI: fr. 104 / *idem*, II vol.: 351], e até tivesse escolhido a citação de um Cantar  
11 galego para a abertura [ND, VI: fr. 56 / *idem*, II vol.: 347], implicaria talvez o  
12 confronto entre o lar holandês, o suíço<sup>24</sup> e o português, uma explanação so-  
13 bre as casas-museus e “a arte vinda dos objectos de uso” [ND, I: fr. 59 / *idem*,  
14 II vol.: 221], bem como a existência de um “Santo protector” [ND, VI: fr. 73 /  
15 *idem*, II vol.: 348] para cada casa. É provável até que, num dos primitivos  
16 esboços, imaginasse essa obra sob a forma de epístola: “... Carta a um ami-  
17 go q. vai construir uma casa –” [ND, V: fr. 258 / *idem*, II vol.: 337].

18 Lopes Vieira idealiza a construção de uma casa como condição criativa  
19 essencial na vida de um homem completo e, pelo largo apontamento escrito  
20 sobre o assunto, podemos perceber o quanto o seu amor às origens também  
21 se identificou com um tipo arquitetónico específico:

22  
23 As casas – fóra das condições determinantes da região: clima, materiais a empregar, – não  
24 podem ter um acentuado caracter *nacional*, senão pelo solo em que assentam, pelos materiais  
25 q. se empregarem, e serão sempre por fim os da região, para q. o predio brote logicamente da  
26 terra, como produto legítimo della; as casas haverão de ter, quando com consciencia e amor  
27 construidas, uma fisionomia *moral*, como o livro dum escritor q. sentir a sua obra [ND, I: fr. 206  
28 / II vol.: 238].

29  
30 <sup>23</sup> Na conferência PPP, na contracapa, faz-se-lhe publicidade. Em carta ms. do espólio da BNLx.,  
31 datada de 29 de Janeiro de 1910, enviada a um destinatário não identificado, ALV diz: “[...] A hospi-  
32 talidade portuguesa é ainda bastante artificial, e até a este assunto dedicarei uma pagina *moralista*  
33 no meu futuro livro sobre a *Poesia da Casa*. [...]” [BNLx., A5]. Uma linha de investigação possível  
34 corresponde a procurar na amizade entre ALV e o arquitecto Raul Lino uma aproximação a este  
35 projeto nunca concluído. Não será talvez dispiciendo estabelecer uma associação com o ensaio de  
36 Raul Lino *Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*, embora  
37 este só tenha sido publicado em 1933 (Valentim de Carvalho, Lx.). O projeto da *Estética da Casa* não  
resultaria de fundamentais trocas de impressões com o arquiteto?

<sup>24</sup> Correspondentes a viagens feitas por ALV na época de redação das ND.

Este projeto acabaria por ser alargado àquilo a que chamou *Estética da Vida* [ND, II: frs. 93 e 115; III: fr. 23 / *idem*, II vol.: 254-256 e 261] e poderia incluir pequenas observações sobre o quotidiano, a partir das quais fosse possível dar um sentido estético à vida, como nos elucida tão bem esta pequena amostra:

Meu Pai comprou-me, quando me dava lições de aritmetica elementar, um quadrinho (desc.) e a graça menineira dessa pedra de estudo, com sua tripeça minuscula, fazia-me estudar bem com gôsto a árida coisa para q. sempre tive negação profunda. Dêmos às crianças, como aos homens, o interêsse estético, e elles acharão com o maior gôsto pela vida, uma melhor consciência da verdade e interesse pela vida... [ND, III: fr. 30 / *idem*, II vol.: 262].

Outro exemplo é o da evocação de um nome ou facto enternecedor para fazer face a sentimentos aviltantes como a cólera [ND, III: fr. 44 / *idem*, II vol.: 263], ou o peso dos retratos dos parentes nas salas burguesas [ND, VI: fr. 131 / *idem*, II vol.: 354]. Mais tarde regressa ao projeto, dando-lhe um outro nome: “Volta-me o antigo projecto de escrevêr uma estetica da vida – q. se chamará *Vida bela*.” [ND, V: fr. 128 / *idem*, II vol.: 325], onde incluiria “notas antigas – I a casa e o lar. II a Belêza.” [ND, V: fr. 139 / *idem*, II vol.: 326]. Nesse projeto, “na cidade (ideal) os nomes das ruas seriam designados por estatuas de deuses e heroes – *Rua Venus de Milo*.” [ND, V: fr. 153 / *idem*, II vol.: 327].

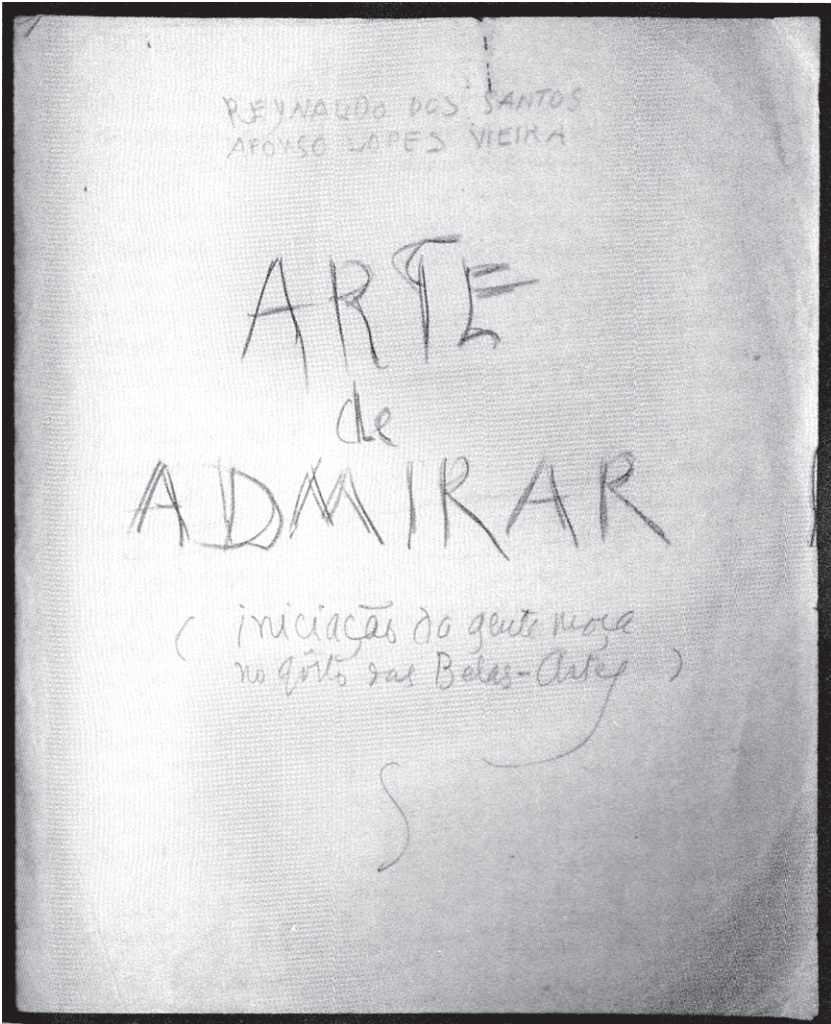
### Arte de admirar

Não podemos deixar de associar esta vertente estética às diversas considerações artísticas que sempre vão surgindo ao longo das ND, relacionadas por vezes com preocupações históricas ou didáticas como, por exemplo, os apontamentos sobre os “Portugueses ilustres que estiveram na Índia” [ND, III: fr. 183 / *idem*, II vol.: 275-6], ou uma tentativa de síntese da mitologia da Índia, Pérsia, Egipto, Greco-Latina [ND, III: fr. 184 / *idem*, II vol.: 276]. Estas considerações bem poderiam ter estado em relação direta com um outro projeto de Lopes Vieira, tecido de parceria com Reinaldo dos Santos [RS]<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Reinaldo dos Santos [RS] (1880-1970) pertenceu à mesma geração de ALV, e embora tenha sido médico e cirurgião muito distinto e galardoado, foi como investigador de arte e interessado pelo seu culto que desenvolveu a sua amizade com o poeta.

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37



1.º fol. do ms. *Arte de Admirar (Iniciação da gente moça no gosto das Belas-Artes)*  
[BML, n.º 33398]

Trata-se de uma *Arte de Admirar (iniciação da gente moça no gosto das Belas-Artes)* [AD], atribuídas a Reinaldo dos Santos e Lopes Vieira<sup>26</sup>.

O que se pode ler desse planeado texto é apenas uma “Introdução” e o início do primeiro capítulo, mas julgo que o plano detalhado do livro se encon-

---

<sup>26</sup> Constituído por 5 fs. ms. soltas [BML, B46, n.º 33398]. Vd. Il vol. de Nobre 2005, pp. 421-430, com transcrição.

tra num outro documento do espólio do escritor<sup>27</sup>. Os dois textos formariam assim um conjunto, correspondendo as folhas manuscritas ao desenvolvimento lógico dos aspetos previamente considerados fundamentais em cada um dos capítulos, embora neste caso os autores só tivessem chegado ao início do primeiro capítulo.

Partindo das conhecidas citações de Ruskin – “Envers elle [la Nature] tout art est adoration” e “Car admirer est la principale joie et le principal pouvoir de la vie” (Sizeranne, 1904: 214 e 325)<sup>28</sup> – Lopes Vieira e Reinaldo dos Santos propunham-se desdobrar em quatro capítulos os motivos de admiração que constituem a arte e que, por tal, são merecedores de adoração. Num primeiro capítulo – “I – A Natureza – Origem e sugestão das formas de arte” – mostrariam como a Natureza, onde se inclui o corpo humano, as árvores, o mar, o céu, o vento, a bruma e a montanha, tem inspirado e sugerido formas de arte. No segundo capítulo – “II. As Formas Elementares da Arte e as suas origens” – falariam da coluna, das formas decorativas, do vitral, do azulejo, e do mosaico. No terceiro capítulo – “III. Evolução da Arte em Geral” – juntariam uma série de considerações históricas sobre arquitetura, escultura e pintura em todo o mundo, passando em revisão todo o passado artístico da humanidade. É bem provável que o interesse de Lopes Vieira pela mitologia tenha aqui um cabimento e permita explicar o súbito interesse que transparece nas ND [ND, III: frs. 184-187 / *idem*, II vol.: 276-7]. Finalmente, o quarto e último capítulo, aquele de que é feito um esboço mais detalhado – “IV. A arte como expressão da história nacional” – corresponderia talvez à parte mais importante da obra, e aí se percorreria a História portuguesa interligando-a constantemente às realizações artísticas da época, para se concluir no final: “O que fica da Historia é a literatura e a Arte” [AD: 7 / *idem*, II vol.: 427].

Conclusão que se torna ainda mais significativa se a ligarmos com a sistemática procura de inscrição no tempo através do cânone, que julgo ter constituído a parte mais ambiciosa do arrojado programa estético de Lopes

---

<sup>27</sup> Constituído por 7 fs. tamanho apr. ao A5, dactilografadas, numeradas no canto superior direito, e com algumas emendas feitas em cursivo de ALV, a vermelho ou a grafite [BML, B46, n.º 33879]. Ver II vol. de Nobre2005, pp. 428-30, com transcrição.

<sup>28</sup> ALV leu a obra de Robert de la Sizeranne intitulada *Ruskin et la Religion de la Beauté* (Paris, Livr. Hachette, 1904, BML, K-4-1321), e possuía um exemplar desde 1906, a julgar pela datação ms. que apresenta o exemplar da sua biblioteca. A leitura feita por ALV deve ter sido especialmente atenta, se entrarmos em linha de conta com a quantidade de anotações, que deixou inscritas no texto, e de frases e citações sublinhadas, que podem tê-lo motivado a pensar neste projeto específico.

1 Vieira. Isso justificaria o sonho do alargamento de uma *estética do belo* a  
2 todos, com a participação do próprio Estado: “Arte p.<sup>a</sup> os pobres – as casas,  
3 missão do Estado – casas belas...” [ND, V: fr. 186 / *idem*, II vol.: 330]; “Q.  
4 nada seja feio e tudo seja util (Casa)” [ND, V: fr. 250 / *idem*, II vol.: 337].

### 7 **O que ficou por fazer...**

9 Projetos belos são, sem dúvida, os da escrita de “tres novelas” [ND, I: fr.  
10 215 / *idem*, II vol.: 240], que não sabemos a que correspondiam; a *obra de*  
11 *Pedro Martinho*, uma “esp.[écie] de autobiog.[rafia]” que desse conta da “hu-  
12 manidade da imperfeição d’esta obra”, feita de prosas e versos e respetiva  
13 psicologia [ND, I: fr. 74 / *idem*, II vol.: 223]; e talvez também alguns contos  
14 [ND, I: fr. 108 / *idem*, II vol.: 227], cujo assunto seria “O pintor portugues q. se  
15 suicida em Paris” [ND, I: fr. 97 / *idem*, II vol.: 226]; a reescrita de “*O Parnaso*  
16 de Camões (achado por uma memoria...)” e a do conto tradicional “*A sôpa de*  
17 *Pedra*” [ND, II: fr. 64 / *idem*, II vol.: 252]; um livro de meditações, no género  
18 dos de Montaigne, que se chamaria “*Momentos* – I nom. – II – Piquênas me-  
19 ditações. (Um livro em genero de bloc-notes). (*Montaigne*)” [ND, III: fr. 77 /  
20 *idem*, II vol.: 266]; um livro de místico, com o título *Passionário* [ND, III: fr. 175  
21 / *idem*, II vol.: 275] e uma obra sobre a temática da imortalidade e do espiritismo  
22 denominada *Cartas de Mortos* [ND, V: fr. 67 / *idem*, II vol.: 319]; um poema  
23 que versasse a morte de Adonis, “assunto q. incantou a Antiguidade tôda”  
24 [ND, IV: fr. 86 / *idem*, II vol.: 289]<sup>29</sup>; um poema sobre o *Tempo*, que glosasse  
25 a imagem da “serpente devorando a cauda” [ND, IV: fr. 101 / *idem*, II vol.:  
26 291]; *A Casa dum filósofo obscuro* [ND, IV: fr. 150 / *idem*, II vol.: 296] que  
27 talvez estivesse relacionada com o projeto da *Estética da Casa*; um drama –  
28 *A Filha Pródiga* [ND, IV: fr. 198 / *idem*, II vol.: 300] – para o qual Lopes Vieira  
29 traça um plano relativamente pormenorizado, onde se incluem as personagen-  
30 gens e um esboço da intriga, do lugar da ação e dos diferentes atos: uma  
31 versão atualizada, e de certo modo invertida, do filho pródigo, desta vez no  
32 feminino, a fazer da renúncia da personagem principal ao amor e à família a  
33 única possibilidade de felicidade para os restantes membros.

34  
35 <sup>29</sup> No espólio do Poeta, da BML, [BML, ms. n.º 6810], encontra-se um conjunto de 13 folhas, tamanho  
36 apr. ao A5, manuscritas, dentro de uma capa, com várias composições poéticas, entre as quais uma  
37 com o título “A morte de Adonis / (de Theocrito)”, que pode perfeitamente corresponder ao desenvol-  
vimento deste projeto. Ver II vol. da tese, Parte II, com transcrição nas pp. 263-9.

**MEMORIAL  
DE UM CONSTRUTOR  
DE NUENS**

---

menções com chave -  
 seguintes a factor - Lúcia  
 Lusitania - Lusitania  
 Lusitania  
 Lusitania (octopus)  
 Lusitania do comitido  
 Lusitania (Causa de b.) (acordo)  
 Lusitania - O Pínto e  
 o lúcia - Lusitania - Coimbra  
 Lusitania companhia (Vicente)  
 a Lusitania e a Lusitania  
 Lusitania - Amadeu (Capi)  
 Lusitania Lusitania Lusitania - Lusitania  
 Lusitania Lusitania - Lusitania  
 Lusitania Lusitania (??) Lusitania  
 Lusitania - Lusitania Lusitania  
 Lusitania Lusitania - Lusitania

1.º fol. do ms. Memorial de um Construtor de Nuens [BML, n.º 324791]

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37

1 Além deste largo armazém de reservas para a criação literária – material  
2 para muito mais do que o limitado tempo de vida terrena de um só escritor –  
3 muito mais haveria a dizer sobre o largo espólio e o que ele nos reserva. A  
4 questão de um pendente *Memorial de um construtor de nuvens*, também ele  
5 referido como estando pronto para publicação no final dos anos 30, e do qual  
6 apenas se encontram parcos apontamentos na BML, talvez seja o mais im-  
7 portante deles todos, por aquilo que nos revelaria do escritor perto do fim da  
8 sua vida e com as inevitáveis nostalgias ou desânimos relativamente ao que  
9 tinha sido a sua crença idealizada durante a maior parte da vida adulta. Pelo  
10 menos já em finais de 1928, o escritor confidenciava a existência de um pro-  
11 jeto de livro de memórias ao companheiro de letras Vitorino Nemésio<sup>30</sup>, o que  
12 quer dizer que acalentou este projeto durante largos anos. Quase como uma  
13 antífona ao juvenil JP, o *eu* do poeta voltaria a emergir, desta feita com o peso  
14 de todos os projetos não cumpridos, as belas nuvens sonhadas, antevistas,  
15 planeadas, mas que o real soprou da sua vida – um ajuste de contas com as  
16 sombras de uma vida e de uma carreira literária. Um confronto do sujeito  
17 consigo próprio no final de um percurso existencial, uma espécie de saldo  
18 final por todos os anos em que a sua biografia pessoal se pretendeu  
19 metamorfosear numa anónima reescrita de um novo Portugal. Daí também  
20 uma tessitura feita de alusões e de citações provenientes dos horizontes tex-  
21 tuais mais diversos. Numa emergência do recalcado, aquilo que de mais  
22 idiossincrático há em cada sujeito – as memórias das pessoais e particulares  
23 experiências de vida – um símbolo que sirva para conceptualizar a totalidade  
24 estética da obra.

---

27  
28 <sup>30</sup> Na BNLx, no esp. E-11, pode ler-se uma carta datada de 12 de Janeiro de 1929, em que ALV,  
29 provavelmente questionado sobre o andamento do seu livro de memórias, responde: “[...] O *Memorial?*  
30 Sabe Deus quando aparecerá! [...]”. Em carta datada de 26 de Agosto de 1931, Vitorino Nemésio diz  
31 a ALV: “[...] Tive também uma grande alegria ao ver que o meu Amigo não abandonou o projecto do  
32 seu *Memorial de um Construtor de Nuvens*, sinal de que podemos contar ainda e sempre consigo e  
33 de que o seu isolamento não é mais do que uma condição de trabalho. Cada vez mais a sua obra me  
34 aparece como o desenvolvimento de um tema a que o meu Amigo ficou fiel como ninguém. A sua  
35 personalidade nasce tão naturalmente do ritmo da sua vida que ninguém se atreverá no futuro a  
36 negá-la. Quantos de nós, artistas portugueses, fizemos ou fazemos o mesmo? [...]”; e em 27 de  
37 Dezembro de 1932, relembra-lhe o seu projecto: “[...] Não me esqueci do seu longínquo projecto de  
*Memorial de um Construtor de Nuvens*, que suponho será o seu breviário de S. Pedro, êsse S. Pedro  
de que se sente aqui, em Buarcos, uma vaga comunicação. [...]” [BML, *Cartas [...]*, vol. XIV].

Em 1940, aquando da publicação da conferência “O Carácter de Camões”, faz-se referência ao MCN para publicação. Em carta de 21 de Junho de 1940, Alberto de Serpa faz um voto que demonstra o quanto a existência do livro era do conhecimento público e de como o escritor se tinha comprometido com ele<sup>31</sup>. O título deixa entrever uma certa noção da resistência do real à quimera de um Portugal mais nobre e orgulhosamente consciente do seu próprio valor. Mas também corporiza o afastamento do sujeito enunciado através deste título como eterno Quixote face a um sonho em fuga. Ou, sob outra perspetiva, um símbolo da reescrita da história da relação pessoal do escritor com o projeto de escrever um texto que terá transportado dentro de si toda a vida...

### Referências bibliográficas

- AMIEL, Henri-Frédéric, (1905) *Fragments d'un Journal Intime*, Précédés d'une étude par Edmond Scherer, t. I et II, 9eme. ed., Georg & C..<sup>a</sup> Lib. ed., Genève, Paris.
- CABRAL, João, (1993) *Anais do Município de Leiria*, vols. I, II e III, ed. da Câm. Municipal de Leiria.
- GRÉSILLON, Almuth, (1994) *Éléments de Critique Génétique. Lire les manuscrits modernes*, CNRS, PUF, Paris.
- MEDINA, João, (1980) *Afonso Lopes Vieira Anarquista*, introd. e notas de J. Medina, ed. António Ramos, Lx.
- NOBRE, Cristina, (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e vol. II, *Inéditos*, IN-CM, Lisboa.
- PEREIRA, José Carlos Seabra, (1999) edição de RAUL BRANDÃO. *Memórias (tomo II)*. Obras Completas. Vol. II, ed. Relógio d'Água, Lx., Março, pp. 9-32.
- SÁ, Victor de, (1992) “Espólios Documentais Particulares” in *Actas do 4.º Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas*, Braga, 4-6 de Março de 1992, vol. II - “Informação. Ciência. Cultura. Bibliotecas e Arquivos para o ano 2000”, Ass. Port. de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Braga, pp. 533- 6.
- SIZERANNE, Robert de la, (1904) *Ruskin et la Religion de la Beauté*, Lib. Hachette, Paris.

---

<sup>31</sup> “[...] Espero que não tarde o “Manual de um construtor de nuvens”, de que tanto esperei um capítulo para a *Revista de Portugal*, de que ainda guardo saudades. [...]” [BML, *Cartas [...]*, vol. X].